

**REIS NA FESTA DE SANTO ANTÔNIO:
RELATOS ORAIS SOBRE O REISADO DE BARBALHA (1960-70).**

Simone Pereira da Silva¹

Anualmente entre o último domingo de maio ou primeiro domingo de junho e o dia 13 do mês de junho é realizado na cidade de Barbalha a Festa de Santo Antônio de Pádua. Trata-se de uma importante celebração da religiosidade popular do Cariri cearense que tem como abertura o carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira e como termino a procissão de Santo Antônio.

Durante o dia do carregamento do Pau da Bandeira, centenas de pessoas acompanham o traslado² de um imenso mastro que é feito da zona rural de Barbalha até a Rua da Matriz onde o hasteamento é realizado.

Trata-se de uma prática que vem sendo realizado desde 1928, e que ao longo do segundo e terceiro quartéis do século XX, sofre uma série de inovações. Talvez as mais significativas de acordo com Océlio de Sousa (2000), sejam as da década de 40, quando a festa passa por um processo de carnavalização e as da década de 70, quando se transforma em um evento turístico, graças às ações do poder municipal com o apoio do pároco local. Em outras palavras, “o Cortejo do Pau da Bandeira seria, nesta perspectiva, o ‘carro chefe’ do processo de folclorização em curso. Daí o Dia do Folclore no município ter sido instituído para o dia do Cortejo” do mastro do santo (SOUSA, 2000, p. 58).

Em meio à programação das festividades do dia de hasteamento do pau foi designado, pelos organizadores do evento, um horário pela manhã para o desfile e exibição dos grupos da cultura popular. O colorido dos grupos veio a acrescentar um sentido todo especial a comemoração, acepção de tradição e estabilidade.

Todavia, “a recusa da uniformidade que um poder administrativo gostaria de impor em nome de um saber superior e do interesse comum” (GIARD, 1995, p.13)

¹ Bolsista CAPES e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, onde desenvolve a pesquisa “Os sentidos da Festa: (re)significações simbólicas do Reisado de Congo em Barbalha - CE (1960-1970)”, sob orientação da Prof^a Dra. Carla Mary S. Oliveira.

² De 1928 a 2003, o corte se dava no Sítio São Joaquim do proprietário João Filgueiras Teles (Dr. Teles) e de lá o transporte se dava “em cortejo, nos ombros dos voluntários, numa distância de 5 km da cidade” (*A Ação*, 19 mai. 1979, p.6). Com a morte do Dr. Teles, o mastro passa a partir de 2004 a ser retirado do Sítio Flores do proprietário Benjamim Sampaio.

provocou inquietações que me conduziu a buscar pistas que de alguma maneira elucidasse se a entrada das práticas denominadas de populares na festa por intermédio do poder municipal tinha ou não gerado sobre elas grandes alterações. Por que como é pertinente lembrar esse tipo de patrimônio tem como principal marca a fugacidade, portanto, qualquer tentativa de direcionamento e controle mais rígido pode levar a uma ressignificação completa do saber e dos sentidos que a caracterizam.

Assim, para se ter uma ideia da dimensão das transformações e que vem se processando desde princípios dos anos de 1970, recorri no presente artigo aos relatos orais dos mestres do reisado de congo do município de Barbalha - Ceará que atuaram nas décadas de 1960-70. Através das memórias desses agentes procurarei construir uma exposição seguida de uma interpretação acerca das alterações ocasionadas sobre os saberes que eles representam. Portanto, o trabalho não seguirá perspectiva cronologia por que pode gerar a perda de ricos elementos que tecem a produção das lembranças sobre a dança.

Como parte do ciclo natalino, o Reisado do Congo é composto por personagens móveis – como o Boi, Burrinha, Jaraguá,³ Javali, Sapo, Urubu, Guriabá (homem com mascara), Cangaceiro, Anastácio, Mané Bestalhão, Pai Tomé, o Babau, a Doida, Catarina, Ana Rosa e o Genti (homem valente portando uma faca), encenados pelos brincantes em momentos específicos ou quando solicitada pelo mestre ou contratante – e fixos (Mestre - força máxima da brincadeira; o Rei; o Sub-Mestre; 02 Contra Mestre; o Embaixador (02), que fica à frente de todos os demais, juntamente com o mestre; os Contra Guias (02); o Adão; a Figurinha, último personagem do grupo; e ainda tem dois Mateus, um tipo de palhaço que enquanto ocorre à batalha entre dois grupos de reisados (Quilombo), fica responsável por cuidar da rainha do reisado adversário). O grupo é ainda acompanhado por zabumbeiro ou pela banda cabaçal⁴ composta em sua maioria por dois pífanos, um caixa e um zabumba que entoam os sons que acompanham as peças (cânticos) e as batalhas entre os reisados.

Trata-se de um saber adquirido pela convivência com familiares e amigos que já tinham vivenciado a execução do bailado nas comemorações de fim de ano ou nas renovações ocorridas nas residências dos moradores do Cariri cearense.

³ Animal cuja aparência lembra o corpo da girafa e a cabeça de um jacaré ou cavalo, provavelmente “originário das selvas africanas ou das florestas tropicais” (BARROSO, 1996, p. 191).

⁴ Surgiu com os índios Cariris que habitavam alguns lugares da região tais como Barbalha e o Crato. “A referência mais remota à Banda Cabaçal, segundo todas as fontes, encontra-se em George Gardner (1838) ao referir-se a uma festa religiosa na vila do Crato, Ceará” (COSTA, 1999, p.52).

Os jogos de agilidade, cânticos e a encenação de pequenos enredos populares costumavam levar a noite inteira para ser concluído. Mas com a inserção do grupo na Festa de Santo Antônio pelo poder municipal de Barbalha em parceria com a paróquia local, que visavam promover maior visibilidade e entretenimento à comemoração, produzir mudanças no tempo de apresentação do reisado.

O senhor Francisco Belizário também conhecido pelo nome de Tico Neves mestre do reisado de congo do Sítio Lagoa, Barbalha, fala que:

Agora a mudança que teve grande eu vou dizer agora. Antigamente a gente começava a brincar sete horas da noite à quatro hora da manhã, cinco hora, se um queria o outro queria mais, num sabe. E a diferença hoje é que tem esse negocio de apresentação que nem eu reclamei, só tem vinte minuto. Ai com vinte minuto você faz o que, vinte minuto pra você canta peça, pra você da jogo de espada e cantar a poesia. Num dá. Ai diz: não, o senhor tem os bicho? Tem. E que num apresenta? Eu digo: que é só vinte minuto, num dá. Por que pra apresentar um boi, nada, se for pra matar, partir e fazer aquela cantiga dele todinha vai quarenta minuto. O Jaraguá por ligeiro que seje quinze minuto. Tem o genti, o javali, dez. Tem a burrinha, tem a Lica, tem a doida, mas como é que apresenta em vinte minuto? Termina que nem eu lhe digo, vai findar se acabando. (Francisco Belizário dos Santos, 17 jan. 2010)

Para dar tempo dos reisados de congo, reisado de couro (também conhecidos como careta), pau de fitas, dança do coco, lapinhas, penitentes entre outros grupos se apresentarem na festa, os organizadores solicitaram que os partícipes realizasse suas apresentações dentro do tempo designado pra cada um conforme a programação previamente elaborada. Não restando outra saída, os brincantes tiveram que deixa de apresentar os bichos do reisado de congo.

A supressão da parte móvel do reisado produziu no depoente uma preocupação com o fim do reisado. Já que está prática faz parte da vida desse e de tantos outros agricultores que há décadas vem brincando nas celebrações da região do Cariri Cearense. Por isso, relembrar é um meio de manter viva a memória dos que ainda insistem em permanecer com a prática. Nas palavras do mestre Antônio José, “reisado é bom. Reisado foi minha infância. Ainda hoje eu tem lembrança do reisado que eu dancei. Chegou à vez, agora eu to recordando, minha velhice desmanchando o que minha mocidade fez”.

Rememorar é um ato de reaviva experiências e sentimentos de outrora. É também o momento em que os agentes sociais mediante seus relatos orais esclarecem trajetórias e eventos associados às práticas populares (FERREIRA, 2002).

A oralidade enquanto instrumento interpretativo possibilita investigar as discrepâncias existentes nas práticas sociais regentes, bem como as liberdades

individuais que são construídas nas brechas dos sistemas normativos. Ela possibilita ampliar os horizontes da pesquisa, na medida em que abre também espaço para entender os liames das relações simbólicas e sociais que perfazem a memória dos atores.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1989, p. 9)

Ao mencionar a memória como produto da coletividade, Michael Pollak chama atenção para o fato de que a compreensão e a percepção são construídas pelas relações sociais. Portanto, o ato de recordar o passado dá-se de maneira consciente, a partir das experiências do presente. Os sujeitos históricos reelaboram as imagens de outrora de forma a tentar enquadrá-las em uma fronteira social específica.

É o que parece acontecer com o reisado de congo de Barbalha. Os brincantes percebem que se adequem a forma de execução aos interesses em jogos, todos sairiam ganhando. Nesse sentido, sob a imagem de obediência as ordens municipais vigentes, passam a efetuar sutis “táticas de consumo”.

(...) a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento de tensão, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrio simbólicos, contratos de compatibilidade e compromisso mais ou menos temporários. As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas. (CERTEAU, 1994, p.45)

Essas maneiras de fazer constituem as práticas pelas quais ocorre a reapropriação do espaço sócio-cultural pelos consumidores. Habilidades dos fracos para se sobressaírem frente aos grupos dominantes.

Uma vez alterado parte da estrutura do reisado por causa da interferência municipal, os brincantes não mais atuariam como antes e nem receberiam o mesmo pagamento. Agora teriam por parte da prefeitura “completa cobertura e assistência financeira, para que, a exemplo dos anos anteriores, a maior festa folclórica e sócio-religiosa do interior seja revestida de pleno êxito” (*A Ação*, 19 mai. 1979, p.6). Percebe-se que o jornal católico *A Ação* pertencente à da Diocese do Crato – CE informa as

ações empreendidas pelo poder municipal e mostra que nos anos anteriores, a festa obteve a credibilidade esperada.

Enquanto os integrantes do reisado utilizavam de *táticas* para tirar proveito do poder municipal, este se vale de *estratégias* (CERTEAU, 1994) para firmar uma identidade cultural caririense, tornando a Festa de Santo Antônio em um das maiores eventos religiosos da região do sul cearense.

Os brincantes também reconhecem a assistência ofertada pelo poder público. Tanto que Francisco Belizário de 71 anos de idade e atual mestre do reisado de congo do Sítio Lagoa - Barbalha relembra que:

Ai na [época] de doutor Fabriano as coisa mudou muito. Já ninguém ia mais cantar nas porta pegando uma sortezinha, coisa e outra. Eles já dava o cachê, ele dava espada, dava o que precisava, o que fosse preciso, o que eu pedisse tava na relação eu recebia. Ainda tinha merenda por menino, tinha o almoço e a gente passava o dia todo na cidade e era casando onde tinha um reisado meio bom pra a gente se encontrar só pra desafiar na espada, no que topasse que eu tinha o prazer de fazer aquele encontro. (Francisco Belizário dos Santos, 17 jan. 2010)

Quando os integrantes dos grupos de folguedos começam a se apresentar na festa do padroeiro por intermédio do poder municipal, passam a receber roupas, merenda, transporte e um cachê. Esse amplo apoio se deu a partir do momento que Fabriano Livônio Sampaio - engenheiro civil e “oficial do Exército reformado, tendo se formado na Escola Preparatória de Cadetes, em Fortaleza e na Academia de Agulhas Negras, no Rio de Janeiro” (SOUZA, 2000, p.56) - foi eleito pelo partido da ARENA para administrar o município de Barbalha entre os anos de 1973 á 1977.

No início do mandato, Fabriano Livônio propõe aos alunos da escola Santo Antônio e as alunas do Colégio Nossa Senhora de Fátima que arregimentasse as manifestações da cultura popular para dentro da Festa de Santo Antônio, a fim contribuir para “transformá-la num evento regional” (SOUZA, 2000, p.50).

As práticas populares passam a ser valorizadas pela municipalidade, mas com elas vieram à necessidade de adaptarem os saberes e ofícios às novas exigências. Tanto que “ninguém ia mais cantar nas porta pegando uma sortezinha, coisa e outra”, assim relata Francisco Belizário.

Os brincantes se vêem de certa forma obrigados a deixarem de pedir contribuições ao público pela apresentação. Os motivos apontados seriam a falta de interesse dos moradores de Barbalha, talvez por que “*vê de mais né*” esclarece Antônio

José e/ou por que o público sabendo da existência do cachê ofertado pelo contratante, não encontram mais motivos para efetuarem suas contribuições.

Todavia, nos anos de 1960 até princípios dos 70 os reisados de congo eram bem estimados pelos moradores do município. Tanto que costumava render boas quantias de dinheiro obtidas também pelas músicas feitas para animar a noite dos casais apaixonados.

Eu ganhava muito dinheiro só fazendo cantiga por namorado que o namorado tava com as namorada ai eu fazia as cantiga pra ele. Ai ele mandava o dinheiro pra os Mateus ir buscar. Ai colocava o capacete nele ou então o lenço ou a minha espada. Ai colocava e ele mandava o dinheiro ai eu guardava, eu ganhei muito dinheiro. Vendi uma novia por quarenta conto e nessa noite no Buriti que eu brinquei na casa do Finado Manel Teixeira ganhei sessenta conto, só numa noite só o que eu ganhei fora a noite que era justo. A noite foi dezessete conto a noite justo, ai eu ganhei sessenta conto só eu sozim. (Olímpio Ludugério, 17 jan. 2010)

As músicas do reisado também chamadas de peças eram improvisadas e por este motivo, requeria habilidade para compor versos e destas transformarem em peças. Eram poucos os que detinham esse saber e quando acontecia, acessão dentro do grupo e a credibilidade entre o público era garantida.

Como lembra Peter Burke, a “performance nunca é a mera interpretação ou expressão, mas tem um papel mais ativo, de vez que cada ocasião o significado é recriado” (2005, p.123). As canções são elaboradas ou adaptadas conforme o lugar e o momento na qual se encontra os brincantes, esse é um exemplo do caráter dinâmico e transitório das manifestações culturais inerentes ao povo.

Hoje, ao fazer uma recapitulação do que vivenciou no reisado, Luís Tomé mestre do reisado do Alto da Alegria e ex-brincante do reisado de mestre Olímpio Ludugério afirma ser em fins de 1960 e início dos anos 70, o momento da criação e valorização do folclore na Barbalha.

Mais isso foi no tempo ainda do finado Antônio Costa que era prefeito. Fabriano que é fi dele e hoje mora aqui, foi esse pessoal que começaram, eles foi quem começaram a dar valor, fazer as comunidade, fazer folclore. Ai Barbalha começou. Ah! Ai começou a se envolver, todo mundo dando valor e eles ajudano, isso mais ou meno uma experiência, eu acho uns trinta e cinco ano por ai. Que os prefeito também num dava esse valor não, não gostava e tal. Mais nesse tempo de Fabriano e Antôn Costa é uns trinta e cinco ano a quarenta ano, foi eles que criaram. Por que quem começou a criar isso na Barbalha foi eles dois, ai Barbalha começou a crescer e portanto, disso ai todos que entra gosta. (Luís Tomé da Silva, 11 jan. 2010)

Percebe-se que a bem sucedida admissão dos grupos de folguedos na programação da Festa de Santo Antônio de Barbalha pelo então prefeito Fabriano Livônio, produziu na memória dos brincantes a idéia de ser ele um dos fundadores do “folclore” e da “cultura na Barbalha”. O outro responsável citado seria Antônio Costa Sampaio prefeito entre os anos de 1967 – 1970. Talvez a associação a este tenha ocorrido por causa do filho ser Fabriano Livônio e/ou ainda devido a boa credibilidade por causa do crescimento urbano e o desenvolvimento econômico da cidade durante o período em que governou.

No entanto, o que me interessa aqui é destacar a valorização e a mercantilização da cultura popular, transformada em folclore, que ganha vitalidade com o regime de 64 como parte de um processo voltado para a construção de uma cultura brasileira, cimento da identidade nacional.

Nesse sentido, apresentar ao mundo e aos turistas certos elementos culturais como símbolos de ser brasileiro, ou da identidade brasileira, fazia parte dessa construção ideológica empreendida pelo regime de 64. (SOUZA, 2000, p. 54)

Sob o domínio do Estado Militar, as mais variadas práticas e saberes populares transformaram-se em instrumento identitário, de valores, atitudes e significados a serem compartilhados nacionalmente. A ideia era tornar o “verdadeiro folclore”, considerado espontâneo e genuinamente popular, em um mecanismo a ser utilizado para integrar racionalmente a população de baixa renda na sociedade capitalista contemporânea ignorando, dessa forma, a diversidade de elementos em comunicação e conflito que lhe eram subjacentes.

Destarte, é necessário ter cuidado para perceber as contradições sociais e culturais, pois quando elas não aparecem na superfície das práticas cotidianas, pode surgir a falsa impressão de haver um consenso a seu respeito.

A compreensão de que havia, então, uma homogeneização cultural brasileira comum a todos, acabava por dissociar as práticas populares de seus contextos, imprimindo-lhes uma imagem caricaturada e distinta daquilo que essas representavam para aqueles que as vivenciavam, indivíduos e práticas que, até então, não tinham ligação mais direta com o poder político.

Essa concepção impressa por uma racionalidade acabava substituindo uma estrutura cultural no *plural* pela linguagem no *singular*. Esse motivo leva o historiador francês Michel de Certeau a criticar os letrados que se apoiam nos saberes do povo e os direcionam ao esquecimento, na medida em que o oral é suplantado pela escrita que, por sua vez, transforma as diferentes expressões em “folclore” (CERTEAU, 1995, p. 168).

No período do governo militar, a municipalidade de Barbalha parece cooperar com a construção de referências simbólicas nacionais, transformando os bens culturais e a Festa de Santo Antônio em atividades rentáveis.

Na segunda metade da década de sessenta, alguns brincantes iam por espontânea vontade brincar na festa do padroeiro sem estabelecer nenhum tipo de acordo ou contrato com o poder municipal. Lembrando o quanto brincar nessa época era lucrativa, o senhor Olímpio Ludugério conta que proporam o cadastro do reisado de congo no Instituto Nacional do Seguro Social - INSS.

O primeiro chefe do sindicato, por que ele veio aqui na Lagoa na minha casa com uma folha de papel que era mode eu... que o finado seu Antôn Costa nesse tempo era o prefeito, ai Manuel Ramos. É esse Manuel Ramos mesmo. Pois ele veio lá em casa com um livro, ai perguntou: mestre Olímpio se eu... nós veio aqui por autorização de nós e autorização da prefeitura, o senhor num quer fazer parte, o senhor assinar parte aqui do INSS, pro o senhor pagar INPS do reisado. Eu disse: seu Manel eu num posso não por que o pessoal num tem condições. Que naquele tempo as prefeitura num ajuda em reisado, tudo era de nosso punho né. Nós ganhava porque era quem brincava melhor, ai ganhava mais. E outros que num ganhava nada. Ai disse: não, mas seu reisado é importante, muito importante porque nós brincava na casa de doutor Liro, nós brincava na Barbalha só na casa dos rico né. (Olímpio Ludugério da Paixão, 17 jan 2010)

Para chegarem ao ponto de ir até a residência do mestre do reisado para que ele inscrevesse os brincantes do grupo a qual coordenava no Instituto Nacional de Previdência Social – INPS pode sinalizar que a dança dramática de caráter religioso passava a ser considerada pelos representantes do poder municipal e do “sindicato” por ele mencionado, como um trabalho.

A palavra trabalho se evidencia nos relatos de alguns brincantes. Antônio José lembra que na “época de sessenta, setenta eu era figura dos outro, quer dizer, eu **trabalhava pros outro. Hoje eu trabalho pra mim**”, já Luís Tomé fala que começou a trabalhar e foi produzindo a “cultura com eles” (referindo-se a Fabriano Livônio e a Antônio Costa Sampaio) e por fim, o ex-mestre de reisado Olímpio Ludugério canta a última peça que fez: “sessenta e cinco pra sessenta e seis continua Reis vamos a segunda batalha. **Nosso trabaio** que é verdade eu não somo, dia de Reis tem quilombo⁵ na cidade de Barbalha”.

O trabalho assume um duplo sentido na memória dos idosos, conforme é esclarecido no livro “Memória e Sociedade: lembranças de Velhos” da Ecléa Bosi. O primeiro sentido estaria relacionado às atividades corporais com todas as suas

implicações sobre o psiquismo e o segundo, envolveria o “sistema de relações econômicas e sociais”, “não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade” (BOSI, 1994, p.471).

A memória estaria, portanto, marcada pela dialética das experiências subjetivas do corpo com as objetivas do sistema social e econômico (BOSI, 1994, p.471). Portanto, ao entrevistar os brincantes do reisado de congo que ainda estão em atividade, pude perceber que o descontentamento com o poder municipal atual representado pela secretária de cultura, pode ter conduzido os brincantes a recordar com satisfação os períodos que independentes de nenhum governante, saíam pelas ruas e sítios de Barbalha despertando alegria e entusiasmo com suas danças, cânticos e jogos de espada.

Enquanto o jogo pressupõe regras a ser seguidas, a festa exerce uma função inversa, assim mencionada pelo sociólogo Jean Duvignaud no livro *Festas e civilizações*:

A festa, inversamente, destrói toda regulamentação, sem transgredi-la, simplesmente por que a transgressão descarta o “desvario” e o “deboche” a que, geralmente, as conjecturas reduzem a festa. Ela não apenas viola mas os destrói códigos e as normas, ao colocar o homem frente a um universo desaculturado, a um universo sem normas, ao “tremendum” que engendra uma espécie de terror. (1983, p.67)

Nesses períodos festivos as fronteiras espaciais do lugar social em que os indivíduos estão inseridos perdem sua definição e tornam-se mais fluidas. A cultura popular produz, assim, um tipo de paródia da vida cotidiana, paródia essa a ser vivenciada em ocasiões específicas, em que o *sistema das imagens da festa popular* tinha, ainda segundo Mikhail Bakhtin, “uma existência integral, carregada de um importante sentido nas diferentes formas dos folguedos públicos, assim como na literatura” (1998, p. 171). Nas palavras de Magnani (1998), essa forma de entretenimento possibilita ao pesquisador uma rica análise do processo de mudança das práticas superando, desse modo, as limitações de uma abordagem meramente “folclorista”.

Para fugir desse tipo de abordagem recorri no presente artigo, às memórias dos velhos brincantes que atuaram nos anos 1960-70.

Com grande alegria eles relataram os bons momentos em que animavam as noites enluaradas de casais apaixonados, os dias lucrativos de renovação e de

⁵ Quilombo “é o encontro e a batalha entre dois grupos de Reisado” (BARROSO, 1996, p.8).

entronização do Divino e ainda das vitórias obtidas nos desafios de espadas, cânticos e dança. Momentos em que o povo ajudava e incentivava a continuidade.

Porém, quando o assunto é o apoio do poder municipal para com o grupo, a fisionomia e tom de voz já não eram os mesmos. A insatisfação com as ações empreendidas pela municipalidade no presente momento parece produzir na memória dos entrevistados novos sentidos em relação ao passado.

O desejo de retorno aos velhos tempos se evidencia, mas sabem que não é possível. O corpo já não é tão forte e saudável como antes, as brincadeiras já não têm a estrutura e nem o mesmo sentido e o público tem outros interesses.

Mesmo assim, posso dizer que com todas as modificações efetuadas na prática a fim de adequá-la a comemoração, foi na Festa de Santo Antônio de Barbalha que os brincantes do reisado de congo em meio a uma gama de espetáculos se fizeram notar. Viram na festa a oportunidade de tentar a tão esperada ascensão socialmente, de vencerem o anonimato e de firmar a permanência frente às práticas vigentes. Visto que com a transmissão oral destas práticas, “dá-se igualmente a reprodução e transmissão das experiências sociais” (THOMPSON, 1998, p. 18).

É mediante a festa que o povo “esquecido” e marginalizado pela sociedade capitalista, se fazem perceber. Tornem-se simbolicamente reis e rainha, guerreiros em uma batalha quase infundável para manter viva no corpo e na mente o saber e a memória coletiva a qual representam.



REFERÊNCIAS

FONTES:

- NARRATIVAS ORAIS:

Sr. Antônio José da Silva, 64 anos, agricultor, mestre do reisado de congo, residente no Alto do Rosário, Barbalha / CE.

Sr. Francisco Belizário dos Santos, conhecido por Tico Neve, 71 anos, agricultor aposentado, ex-penitente e atual mestre do reisado de congo, residente no Sítio Lagoa, município de Barbalha.

Sr. Luís Tomé da Silva, conhecido por Luís Bocão, 62 anos, agricultor, ambulante, quebrador de pedra e mestre do reisado de congo, residente no Alto da Alegria, Barbalha / CE.

Sr. Olímpio Ludugério da Paixão, 72 anos, agricultor, ex-mestre do reisado de congo e atualmente atua como decurião dos penitentes do Sítio Lagoa, município de Barbalha / CE, onde reside.

- FONTES ESCRITAS:

A Ação, 19 mai. 1979, p.6. O período de circulação deste jornal pertencia à Diocese do Crato foi de 1939-1985.

BIBLIOGRAFIA:

BARROSO, Oswald. *Reis de Congo*. Fortaleza: Ministério da Cultura; Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais; Museu da imagem e do Som, 1996.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Ed., 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. *A invenção do cotidiano: 1 – arte de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Pablo Assumpção Barros. *Anicete quando os indos dançam*. Fortaleza: UFC / Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia, 1999.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. IN: CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, 1992, p.200-212.

SOUZA, Océlio Teixeira de Souza. *A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e autonomia (1928-1988)*. Tese (Dissertação do mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2000, (mimeo).

_____. *A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: algumas reflexões*. In: LIMA, Marinalva Vilar de & MARQUES, Roberto. *ESTUDOS REGIONAIS: Limites e Possibilidades*. CRATO: NERE/CERES Editora, 2004.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

